



GRUPO VERDE DE AGROECOLOGIA E ABELHA

O PEDREIRO LIVRE

GVAAG - GRUPO VERDE DE AGROECOLOGIA E ABELHAS - POMBAL- PB
Revisão de Literatura

Coriolano de Medeiros: Um historiador na Maçonaria

José Ozildo dos Santos

Historiador, diplomado em Gestão Pública, mestrando em Sistemas Agroindustriais (UFPG), integrante da equipe técnica da Empresa Soluções Consultoria e Projetos.
Email: ozildoroseliasolucoes@hotmail.com

Patrício Borges Maracajá

Mestre Maçom da Loja Raimilson Felinto nº 8, Pombal-PB, Perfeição no corpo da Loja Antônio Olímpio Sobrinho (Supremo Conselho do Grau 33) Grau 18 e do Capítulo Tropeiros da Borborema (Real Arco)
E-mail: patriciomaracaja@gmail.com

Resumo: Trata-se de um artigo de revisão no qual se aborda a trajetória da vida do escritor, historiador, ensaísta, folclorista, musicólogo, poeta, jornalista e educador João Rodrigues Coriolano de Medeiros, ou simplesmente Coriolano de Medeiros, que também deu uma grande contribuição ao movimento maçônico na Paraíba, principalmente, na década de 1920, quando ocorreu a separação do Grande Oriente do Brasil e fundação da Grande Loja do Estado da Paraíba. Por mais de meio século, Coriolano de Medeiros foi uma figura de grande destaque na cultura paraibana. Educador por excelência foi responsável pela educação de várias gerações, sendo, indiscutivelmente, uma das maiores expressões na história da educação paraibana. Pedreiro Livre, João Rodrigues Coriolano de Medeiros também deu grande e importante contribuição à Maçonaria na Paraíba. Digno de registro é um discurso por ele proferido no final da década de 1920 transcrito no Livro de Atas da Loja Regeneração do Norte, que, sem dúvida, constitui uma das mais importantes peças da história da Maçonaria na Paraíba.

Palavras-chave: *Coriolano de Medeiros. Maçonaria. Paraíba.*

Coriolano de Medeiros: A historian of Freemasonry

Abstract: This is a review article which addresses the trajectory of the life of the writer, historian, essayist, folklorist, musicologist, poet, journalist and educator João Rodrigues de Medeiros Coriolano, or simply Coriolano de Medeiros, who also great contribution to the movement Masonic Paraíba, especially in the 1920s, when there was the separation of the Grand Orient of Brazil, and founding of the Grand Lodge of the State of Paraíba. For over half a century, Coriolano de Medeiros was a figure of great prominence in the culture of Paraíba. Educator par excellence was responsible for the education of several generations, and arguably one of the greatest expressions in the history of education in Paraíba. Free Mason, João Rodrigues Coriolano de Medeiros also gave big and important contribution to Freemasonry in Paraíba. Noteworthy, is a speech he delivered in the late 1920s and entered in the Minutes Book Shop North Regeneration, which undoubtedly is one of the most important parts of the history of Freemasonry in Paraíba.

Keywords: *Coriolano de Medeiros. Freemasonry. Paraíba.*

INTRODUÇÃO

O nome de João Rodrigues Coriolano de Medeiros ou simples Coriolano de Medeiros (como ficou popularmente conhecido) é destaque no cenário da cultura paraibana, tendo, inclusive, militando na imprensa e atuado também no cenário político, durante as duas primeiras décadas do século XX.

Na concepção de Brito (1979, p. 19):

[...] Coriolano de Medeiros é uma dessas personalidades que marcam não apenas uma época, mas extrapolam, no tempo e no espaço, projetando-se com intensidade cada vez maior, como um facho eterno iluminando o caminho do futuro e marcando a vida com o DEFINITIVO que caracteriza os homens que não morrem nunca. Trouxe consigo, do berço, a predestinação dos invulgares. O seu destino foi todo ele uma liderança do espírito. Não liderança de correntes humanas ao sabor de influências carismáticas, mas o líder sereno das batalhas do espírito, o marechal tranquilo das pesquisas históricas, o mestre exemplar do mergulho no passado para daí encontrar e construir o alicerce seguro que sustentariam o futuro.

Historiador nato, ensaísta e folclorista, Coriolano de Medeiros deixou extensa e valiosa contribuição bibliográfica. Professor por excelência, educou várias gerações e destacou-se nos meios literários paraibanos com grande louvor, tornando maior a pequena Paraíba da primeira metade do século XX.

No entanto, sua contribuição não somente limitou-se ao desenvolvimento da Educação, da música ou da historiografia. Autor do famoso 'Dicionário Coreográfico da Paraíba', Coriolano de Medeiros também tem seu nome ligado à história da Maçonaria na Paraíba.

O presente artigo de revisão tem por objetivo mostrar a contribuição dada por João Rodrigues Coriolano de Medeiros à educação, à cultura, à história, e, principalmente, à Maçonaria na Paraíba.

Traços de uma vida

De família humilde, Coriolano de Medeiros nasceu aos 30 de novembro de 1875, no sítio 'Várzea das Ovelhas', localizado às margens do Riacho Cipó, no sopé da Borborema, em território do atual município de Santa Terezinha, à época, parte da histórica Vila de Patos, na Província da Paraíba (CRUZ, 1995).

Informa Martins (1975), que Coriolano era filho do casal Aquilino Coriolano de Medeiros e Joana Maria da Conceição, pelo lado paterno, era neto do professor Francisco Herculano de Medeiros, primeiro tabelião público e primeiro mestre-escola da Vila de Patos, e, pelo

materno, descendia do cearense Cosme Vieira da Silva, patriarca da família Vieira, no sertão das Espinharas, de quem era bisneto.

Em 1877, sua família oprimida pela terrível seca que assolava o sertão nordestino, transferiu-se para a capital paraibana, onde, pouco tempo depois, faleceu seu genitor, acometido de sezão (BARBOSA, 2009).

Anos mais tarde, sua mãe contraiu novo matrimônio com o senhor Vitorino da Silva Coelho Maia, que, com carinho e apreço, contribuiu fortemente para a formação do pequeno Coriolano, futuro grande homem das letras paraibanas e importante personagem da história da Maçonaria em seu Estado natal.

Registra Martins (1975), que na antiga cidade de Nossa Senhora das Neves, o jovem Coriolano fez seus estudos básicos. Inicialmente, frequentou uma escola particular, localizada na Praça de Nossa Senhora Mãe dos Homens, regida pela professora Cecília Cordeiro. Seguidamente, foi aluno dos renomados professores Antônio Ribeiro Guimarães e Manoel Fortunato.

Em 1891, no Liceu Paraibano, concluiu o antigo curso de preparatórios. No ano seguinte, aos dezessete anos de idade, matriculou-se na tradicional Faculdade de Direito do Recife, onde cursou até o terceiro ano (BARBOSA, 2009).

Retornando à Paraíba, dedicou-se à vida comercial, passando a trabalhar como caixeiro da 'Tabacaria Peixoto', fazendo, nessa profissão, "todas as etapas de balconista e comerciante estabelecido" (MARTINS, 1975, p. 15).

Em 1898, faleceu seu padasto, cabendo-lhe a responsabilidade total de manter a família. Por esse tempo, abriu uma aula de primeiras letras na Rua São José, hoje Desembargador Arquimedes Souto Maior. E, por vários anos, manteve-se à custa do magistério particular (CRUZ, 1995).

Na maturidade, em seu círculo de amigos, Coriolano de Medeiros revelou que seu maior sonho na mocidade era tornar-se médico ou oficial da Marinha. Entretanto, não lastimava o malogro de suas aspirações, chegando a confessar: "não retenho muitas recordações da minha juventude; ela passou por mim, sem que eu percebesse" (MEDEIROS *apud* NÓBREGA, 1979, p. 34).

Ainda na última década do século XIX, por duas vezes tentou ingressar no serviço público e embora tenha conseguido o primeiro lugar nos concursos que submeteu-se - o primeiro para Oficial de Descarga da Alfândega e o segundo, para Postulante dos Correios - foi substituído por outros pretendentes, indicados pela política da época. Nesse último órgão, coube-lhe algumas substituições eventuais, "quando algum funcionário licenciava-se ou faltava ao serviço", percebendo a metade do salário do titular do respectivo cargo (MARTINS, 1975, p. 15).

No dia 29 de julho de 1905, Coriolano de Medeiros desposou a pianista Eulina de Medeiros Rolim - viúva do Dr. Joaquim Gonçalves Rolim, ex-juiz de Cajazeiras - com quem conviveu durante 47 anos "numa

ininterrupta felicidade conjugal" (MARTINS, 1975, p. 16).

De seu casamento, não houve filhos. Em sua residência, costumava organizar saraus artísticos, dos quais participavam várias figuras ilustres da sociedade paraibana.

Em 1909, no governo João Lopes Machado, foi nomeado escriturário da Escola de Aprendizes Artífices, galgando, em 1922, a direção do referido estabelecimento, cargo no qual se aposentou. De sua autoria, é a letra do hino da referida escola, musicado pelo maestro Severino Gomes e entoado pela primeira em 1925.

Homem de reconhecido valor, em 1928, teve seu nome lembrado para ocupar o cargo de Secretário Geral do Estado, no Governo João Pessoa. No entanto, devido à sua ligação política com monsenhor Walfredo Leal - que lhe conseguiu o emprego na Escola de Aprendizes Artífices - foi vetado por Epiácio Pessoa, à época, líder supremo da política paraibana, que em carta ao sobrinho, escrita de Haia, assim justificou-se: "tenho a impressão de que foi sempre nosso adversário e não é de feitio para o cargo; parece melhor deixar onde estava já que não pode ir para a Biblioteca e não há um Instituto Histórico Oficial" (LEITÃO, 2001, p. 18).

O ingresso no mundo das letras e na música

Coriolano de Medeiros era ainda adolescente, quando ingressou no mundo das letras, participando, ao lado de Neves Júnior e José Manoel dos Anjos, da redação do periódico 'A União Tipográfica', no qual publicou seu primeiro artigo, intitulado 'Coesão da Classe', pugnando pela solidariedade entre os tipógrafos (MARTINS, 1975).

De acordo com Santos (2004), foi nesse pequeno jornal que Coriolano de Medeiros também estreou como poeta. Tempos mais tarde, tornou-se membro do 'Centro Literário Paraibano', sendo escolhido para ocupar o cargo de bibliotecário, na diretoria eleita em 1897.

Destaca Santos (2004, p. 8) que:

Amante da boa música, Coriolano era também muito moço quando passou a integrar o corpo de instrumentistas da 'Banda do Clube Ástrea', na capital paraibana. E, tal era o prestígio que desfrutava no seio de seus colegas, que a 29 de setembro de 1901, em frente ao Clube Ástrea, à Rua Direita, hoje Duque de Caxias, foi homenageado através de uma retreta programada pela própria banda e que figurava no programa a Schottisch denominada 'Coriolano de Medeiros', composição do mestre Manuel Maneleu a ele dedicada.

Entretanto, alegando afazeres particulares, deixou o referido grupo orfeônico. Mas, em 1902, convidado por Eduardo Fernandes e pelos maestros Elias Pompílio e Plácido Cezar, tornou-se membro-fundador do 'Club Symphonico da Parahyba', que foi a primeira orquestra sinfônica tabajara.

Segundo Martins (1975, p. 15), "por essa época gostava de realizar serestas em sua casa de veraneio na

praia do Poço, chegando mesmo a perpetrar algumas canções".

Em 1912, associado a várias figuras de prestígio no meio musical paraibano, participou da fundação do 'Club Musical Guarany', "associação que se destinava a incentivar a prática e gosto musical da juventude" e que teve como principal entusiasta Otávio Golzi. Nesse mesmo ano, encenou o drama "Como se passa a Festa", representado pela primeira-vez na Praia Formosa, no dia 6 de janeiro.

O educador

Em marco de 1917, Coriolano de Medeiros instituiu um curso de matemática, destinado à preparação técnica dos sócios da Associação dos Empregadores do Comércio da Paraíba, que serviu como núcleo formativo da Academia de Comércio 'Epiácio Pessoa' (MARTINS, 1975).

Assim, aos 4 de setembro de 1921, na qualidade de presidente da AACP, coube-lhe a honra de dar "ciência à casa da próxima fundação da Academia de Comércio que a Associação pretendia manter", proferindo, mais tarde, a aula magna quando da instalação da referida instituição educativa (SANTOS, 2004).

Na visão de Targino (1979, p. 26):

O Professor Coriolano de Medeiros foi um dos pioneiros, um dos inspiradores da modernização do ensino profissional entre nós, conferindo-lhe, dada a sua vasta cultura, um toque humanístico imprescindível a toda forma de educação, mesmo quando de natureza eminentemente profissional. Com a intuição de verdadeiro mestre, de homem que preocupado com a perspectiva futura do processo educativo, já preconizava a necessidade de reestruturação do ensino industrial (denominação da época) bem como da modernização dos equipamentos e instalações da antiga Escola de Aprendizes Artífices, inclusive do edifício que lhe servia de sede, na Rua João da Mata.

Professor nato, educador da velha têmpera, sectário das punições justas, lecionou em várias escolas da capital paraibana e exerceu seu ofício até o limite de suas forças físicas, encerrando sua carreira docente no ano de 1948, dando suas últimas aulas na 'Escola Underwood', em João Pessoa, iluminado pela luz da inteligência, pois, a essa época, já havia perdido a visão.

Coriolano, o jornalista

Jornalista de grande escol, considerado o melhor discípulo de Artur Aquiles, participou do corpo redacional de 'O Comércio' (1900), onde "escrevia o suelto, a notícia, o artigo de fundo, cuidava da parte financeira, da distribuição e dos problemas pessoais do operariado".

Colaborador d'A União', Coriolano de Medeiros fundou a revista 'A Filipéia', hebdomadário "literário, agrícola, político, religioso, científico, artístico, industrial e humanístico", cujo primeiro número circulou a 2 de

Coriolano de Medeiros: Um historiador na Maçonaria

julho de 1905, tendo como principais redatores Artur Aquiles, Neves Júnior, Castro Pinto e Francisco Barroso (MARTINS, 1976).

Nove anos mais tarde, fez circular o 'Jornal do Comércio', diário que defendia os interesses das classes produtoras, equidistante dos partidos. Durante a histórica campanha de 1915 - que marcou o rompimento entre os senadores Walfredo Leal e Epitácio Pessoa - gerenciou o 'Diário do Estado', órgão de propaganda política walfredista, que teve como redatores vários nomes de destaques no cenário político estadual (MARIZ, 1987).

No entanto, à frente do referido jornal, era "acatado por todos não só pela autoridade de velho e experimentado lidador da imprensa como, sobretudo, pela excelente contribuição que emprestou ao jornal dos walfredistas, dando-lhe uma feição cuidadosa na variedade do noticiário e na seleção da matéria" (LEITÃO, 2001, p. 7).

De forma consciente, Coriolano dividia seu tempo entre a imprensa e o magistério. E sua atividade "como jornalista estendeu-se por toda sua vida de homem de letras, dando valiosa colaboração aos jornais da terra, fosse versando assuntos de interesse popular ou orientando o público sobre o exato conhecimento da nossa história e da nossa geografia. Tudo que pudesse significar o interesse mais alto dos paraibanos era objeto de suas preocupações, chegando até a emitir conceitos sobre os novos métodos de agricultura e pecuária, os quais desejava ver implantados no Estado, sobretudo entre os homens da martirizada terra sertaneja" (LEITÃO, 2001, p. 14).

Nasce o historiador

De sua genitora, ainda menino, Coriolano de Medeiros ouviu as mais belas e fascinantes histórias, lendas e fatos do sertão paraibano, que despertaram-lhe a vontade de conhecer a região onde nascera. Em 1888, ainda adolescente, visitou a Vila de Patos, oportunidade em que observou e colheu as primeiras impressões, que mais tarde seriam reveladas em seus livros. Relembrando essa quadra de sua vida, escreveu:

Em 1888 voltei a Patos. Por lá estive uns quatro meses. Assisti o primeiro samba, escutei o primeiro desafio, admirei o pernilongo singular, o pardavesco do gênio, o Romano Caluete, cantar e florar num casamento, havido na Fazenda Tamanduá. Passava os dias no campo com os meus tios e, mais, com a avó materna, tão rica de afeições para mim! Aos domingos ia à missa na vila e, às vezes ficava para a feira no dia seguinte. Certa vez saindo da igreja, do bolso do colete saquei um pequeno relógio de prata para certificar-me mais, de que era notado, do que para ver as horas. Num momento tinha em torno, comprimindo-me, puxando-me, azoïnando-me para pegar na máquina, uma dúzia de garotos de minha idade, sendo precisa a intervenção de um tio para safar-me ileso, embora sob a manifestação ruidosa de uma vaia

solene (MEDEIROS apud MARTINS, 1975, p. 51).

Quatro décadas mais tarde, quando das comemorações do sesquicentário da Paróquia de Nossa Senhora da Guia, Coriolano retornou à sua terra natal, oportunidade em que pronunciou excelente conferência sobre a história do município, que, publicada através da Tipografia d'A Imprensa, intitulou-se 'A evolução social e histórica de Patos' (1938).

Pesquisador incansável da história e das tradições do sertão paraibano, Coriolano de Medeiros pode "granjear o renome que o projetou além de nossas fronteiras, estimulado pelos aplausos dos seus conterrâneos que viam nele o cuidadoso cultor da tradição tabajara" (LEITÃO, 2001, p. 14).

Em 1914, através da Imprensa Oficial Estadual, lançou a primeira edição do seu 'Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba', que foi bastante elogiado pela crítica da época e que ainda hoje, constitui-se numa das maiores fontes de pesquisa sobre a terra tabajara e que teve uma segunda tiragem em 1950, patrocinada pelo Ministério da Educação/Departamento de Imprensa Nacional, com introdução de Augusto Mayer, diretor do Instituto Nacional do Livro.

Dizia aos seus amigos íntimos, que "perdera a visão no grande esforço que fizera manuseando velhos documentos", atualizando a referida obra, para sua segunda edição (MARTINS, 1975, p. 18).

O primeiro presidente Academia Paraibana de Letras

Por sua iniciativa, aos 14 de setembro de 1941, fundou-se em João Pessoa a Academia Paraibana de Letras, da qual foi o seu primeiro presidente, dirigindo-a até 1946, quando já começara a sentir que "entre ele e o mundo já se interpunha a sombra que lhe obumbrou de vez a luz dos olhos, embora a do espírito, do seu poiso solitário", ainda tenha continuado por longos anos, a clarear a fecundar os horizontes da historiografia paraibana (MARIZ, 1984).

Idealizador e arquiteto da Academia Paraibana de Letras, "seu nome é sem dúvida, o ponto culminante daquela organização cultural" (NÓBREGA, 1979, p. 40).

Sobre sua pessoa, um dos mais importantes depoimentos nos foi legado pelo cônego Francisco Lima, seu confrade e amigo, que em sessão realizada na Academia Paraibana de Letras, na noite de 30 de novembro de 1965, assim se pronunciou:

É um testemunho de nossa vida histórica e política, de nossas realizações socioculturais durante todo o regime republicano e boa parte do recente, apático, frio, mas um temperamento vivo, interessado pela terra e pelo homem, vibrante de civismo nos grandes momentos em que esplende o amor à gleba. Os velhos jornais, as antigas revistas, as veneráveis poliantéias dos nossos museus literários assim no-lo revelam o Coriolano mestre; o Coriolano historiógrafo se não historiador; o Coriolano beletrista com uma contribuição relevante nos domínios da

literatura de ficção; o Coriolano jornalista assinando crônicas de substância e colorido, a que não faltava o chiste, a sátira inocente a personagem e os costumes da cidade (LIMA apud NÓBREGA, 1979, p. 41).

Em 1958, após publicar um livro de memória ('Sampaio'), que reúne várias "crônicas da Paraíba de fins do século passado", Coriolano deu por encerrada a carreira literária. Referindo-se a esse livro, em suas notas autobiográficas, diz: "Escrevi-o a lápis, quando já me encontrava privado da vista. Vali-me, nesse livro, do humor ferino do personagem, para reviver coisas da cidade antiga que conheci" (MARTINS, 1975, p. 53).

O fim de uma grande vida

Educador, jornalista, poeta, ensaísta, historiador, romancista e folclorista, Coriolano de Medeiros deu uma grande e valiosa contribuição à literatura paraibana.

Informa Nóbrega (1979), que Coriolano faleceu a 25 de abril de 1974, aos 98 anos de idade, em sua residência localizada à Rua do Sertão, 232, Bairro do Cordão Encarnado, na capital paraibana, onde permaneceu recolhido após perder a visão.

Pouco tempo antes havia afirmado que:

Hoje, os ventos frios do outono da vida não me curaram ainda a mania de recordar fatos que o poder intangível do tempo vai esbatendo no esquecimento. Fugindo-me totalmente a ação do aparelho visual, fiquei impossibilitado de consultar livros e documentos e de rever tudo quanto escrevi. Entreguei-me à mercê da lembrança e esta, muitas vezes, é confusa, desordenada e falha.

Depois que minha mulher morreu é que eu fiquei cego de verdade... Não tenho mais quem leia para mim o que eu próprio escrevi. Ela era quem me alertava a memória algumas vezes. Ainda ouço-lhe a 'voz e o passo costumado'... Mas sou muito resignado. Lá uma vez ou outra é que sinto uma neurastenia íntima... me controlo.

Hoje, vivo horas e horas em completo silêncio. Vivo fora mesmo do mundo. Mas por um lado é bom. Vou aos poucos me desligando da vida, até... não ter mais saudade (MARTINS, 1975, P. 53-54).

Retratando os últimos anos de vida desse ilustre patoense – ou melhor, 'patosense' como ele se autodenominava, Cabral (1955, p. 16) escreveu:

Quem passasse às horas da manhã, pela nossa velha Rua Nova, raramente deixaria de ver à janela da casa nº 177, um velho ainda robusto, cabelos brancos, usando óculos de vidros escuros, que ali permanecia, por horas perdidas, cabeça baixa, numa atitude de quem medita e escuta ao mesmo tempo. Dos que assim o viram, poucos ignoravam quem fosse, porque o simpático ancião era um homem que, pela sua vida e pela sua obra, havia passado, há muito, a ser

do conhecimento de todos, tornando-se espécie de patrimônio público, de um cidadão que era alvo da admiração e do conhecimento de toda uma cidade.

Ali estava Coriolano de Medeiros, o escritor, o historiador, o folclorista eminente cujo nome, motivo de orgulho para a cultura paraibana, se projetou no plano da cultura nacional. E ali estava antes de tudo, Coriolano de Medeiros, o professor, o grande e bom mestre que pôs o ABC e os conhecimentos humanísticos na cabeça de inúmeras gerações que hoje lhe devem os claros e seguros caminhos que seguiram na vida. Ali estava Coriolano de Medeiros, inteiramente cego, a quem durante anos frente com os livros, com cadernos escolares, com documentos dos arquivos históricos, em infindáveis buscas, roubaram-lhe para sempre a luz dos olhos.

Curvado à janela de sua casa pobre, o grande velho, o mestre insigne escutava, atento, como quem ouvia música da mais rara beleza, os ruídos, a palpitação de vida da cidade a que ele tanto amou, dando-lhe, a ela e à sua gente, todo o esforço, todo o trabalho de uma vida nobre, fecunda e esclarecida.

Homem sincero, em 1922, numa entrevista a Analice Caldas - que empreendeu uma sugestiva enquete, destacando as figuras da intelectualidade paraibana - Coriolano de Medeiros revelou-se "um cidadão temente a Deus, realizado, desprendido, compreensivo e destituído de ambição". Feliz e ciumento "quanto se pode ser", admitiu também que aspirava ter "a bondade de Cristo e a paciência de Jó" (MEDEIROS apud CALDAS, 1937, p. 8).

Uma vida dedicada à cultura

Sócio fundador do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (do qual integrou a primeira diretoria, na condição de 2º secretário, 1905), do Centro Literário Paraibano (1897), do Instituto de Proteção e Assistência à Infância (1912), da Associação de Homens de Letras (1917), da Universidade Popular da Paraíba (1913), do Gabinete de Estudos de Geografia e história da Paraíba (1931) e da Academia Paraibana de Letras (1941) - onde ocupou a cadeira nº 7 e foi seu primeiro presidente - João Rodrigues Coriolano de Medeiros pertenceu a várias outras instituições culturais do país, na condição de sócio correspondente, a exemplo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e de Sergipe, do Centro Polimático de Natal, do Centro de Ciências e Letras de Campinas (SP) e do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano. Dessa última instituição, a medalha comemorativa do primeiro centenário de Deodoro da Fonseca (MARTINS, 1975; LEITÃO, 2001; SANTOS, 2004).

Esclarece Leitão (1979, p. 23-24) que Coriolano de Medeiros:

Tendo participado do movimento que resultou na fundação do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano foi um dos mais dedicados

Coriolano de Medeiros: Um historiador na Maçonaria

integrantes das suas primeiras diretorias, servindo lealmente a instituição criada sob os auspícios do Presidente Álvaro Machado. Participou de várias comissões e foi um dos melhores colaboradores de nossa revista. Apesar da sua dedicação à Casa de Irineu Pinto houve um tempo em que, discordando de alguns de seus companheiros, liderou um movimento de protesto à orientação adotada pela Diretoria de então, formando com outros que com ele se solidarizaram o Gabinete de Estudos de História e Geografia, de pequena duração o que não impediu de bem servir aos interesses da nossa história e de nossa geografia, em concorrência com o programa por eles sugerido para as atividades do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Voltou logo depois a integrar a casa a que serviu com dedicação, desde os primeiros dias de sua fundação. Retornou ao convívio de antigos companheiros animado dos mesmos propósitos, disposto a prosseguir na mesma linha de dedicação e prestimosidade que tanto caracterizou a sua atuação no IHGP, merecendo o apreço dos seus consócios na escolha do seu nome para os cargos de direção que voltou a exercer, inclusive a Presidência, em que pôde, pelas condições do cargo, fazer valer a clarividente orientação de sua operosidade.

Durante mais de meio século de vida literária, publicou vários estudos, poemas e crônicas, em jornais e revistas, que circularam dentro e fora da província paraibana, utilizando-se, às vezes, os pseudônimos ‘C. M.’; ‘Heráclito’; ‘José Tambiá’; ‘Libório de Assumpção’; ‘Roco’; ‘Zé Foguete’; ‘Marimbão & Cia’ e ‘Estrela Dalva’ (MARTINS, 1975, p. 44).

Amante da boa leitura, entre os autores estrangeiros, segundo Santos (2004), Coriolano apreciava Balzac, Zola, Camões e Guerra Junqueiro, preferindo José de Alencar, Aluísio de Azevedo, Machado de Assis, Coelho Neto, Castro Alves e Olegário Mariano, entre os nacionais. Frequentemente, fazia referências aos conterrâneos Augusto dos Anjos, Rodrigues de Carvalho, Perilo d’Oliveira e Silvino Olavo, juntando-os a Inácio da Catingueira e Francisco Romano Caluête.

Musicólogo por vocação, apreciava os seguintes compositores eruditos: Carlos Gomes, Verdi, Charles Gounod e Alberto Nepomuceno (NÓBREGA, 1979).

Historiador na mais completa acepção da palavra, de acordo com Taunay (1936, p. 9), Coriolano era:

[...] preso ao seu torrão natal, pelo coração e pelo cérebro estudou-lhe os fatos com carinho, o cuidado, o entusiasmo do afeto filial. Rebuscou-lhe o passado, observa-lhe o presente com a atenção de fervoroso apaixonado. E este sentimento domina-lhe toda a avultada obra onde tanta cousa valiosa existe, quer em volume autônomo, quer nas páginas de publicações especializadas. E, inteirou-se profundamente do

passado de sua região e daí lhe provieram numerosos estudos, maiores e menores, sobre a descoberta, a colonização, o desbravamento da sua querida Paraíba, contribuição precisa cujo valor sabem apreciar, quantos se interessam pelos fatos brasileiros.

A mais longa viagem empreendida por Coriolano de Medeiros foi a Maceió, para visitar o compadre e confrade Jaime D’alta-Vila. E, "por duas vezes recusou insistentes convites do Interventor Argemiro de Figueiredo, para ir à Holanda, com todas as despesas pagas pelo Estado a fim de coligir documentos para a história da Paraíba" (NÓBREGA, 1979, p. 36).

Patrono da cadeira nº 7, do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, possuidor de uma inteligência ímpar, "Coriolano de Medeiros foi um bom retratista de ambientes, de usos e costumes e deixou um acervo precioso, especialmente no campo da historiografia regional" (MARTINS, 1975, p. 45).

Em sua preciosa bibliografia, Segundo Martins (1975), destacam-se os seguintes livros: ‘Dicionário Chorográfico do Estado da Parahyba’ (1914); ‘Do Litoral ao Sertão’ (contos, 1917); ‘Resenha Histórica da Escola de Aprendizes Artífices do Estado da Paraíba do Norte’ (memórias, 1922); ‘O Tesouro da Cega’ (drama, 1922) ‘Maestros Que Se Foram’ (biografias, 1925); ‘Os Cinco Heróis da Conquista’ (conferência, 1925), ‘Folclore Paraibano’ (1925), ‘Memorial’ (apresentado ao presidente Washington Luís, 1926), ‘O Barracão’ (romance, 1930); ‘Maneira ou nas Trilhas da Conquista do Sertão’ (novela, 1936); ‘A Evolução Social e Histórica de Patos’ (1938); ‘Palavra’ (palestra, 1939), ‘O Tambiá da Minha Infância’ (memórias, 1942); ‘Sampaio’ (memórias, 1958), além do verbete ‘Estado da Paraíba’, para o ‘Dicionário Histórico, Geográfico e Ethonográfico do Brasil’, publicado pela Imprensa Nacional (Rio, 1922).

De sua lavra, ficaram inéditos, segundo Martins (1975) os seguintes trabalhos: ‘O Consultório do Dr. Moilet’ (revista em dois atos, datada de 24 de junho de 1917), ‘A Vingança do Quedra-Kilo’ (drama em três atos, sem data), ‘Pescando Noivos’ (esboço de revista, em dois atos, 1921), ‘O Restaurador’ (peça, 1921), ‘Vamos Comer um Cevado’ (1932), ‘Fechado para o Almoço’ (diálogo, 1933), ‘Aguenta, Chico!’ (revistinha, 1933), ‘A Moça da Caveira’ (episódio da Revolução de 1817, sem data) e ‘Como se Passa a Festa’ (esboço de revista musical, em três atos para crianças, sem data).

Pelo demonstrado, Coriolano de Medeiros deixou uma fecunda produção bibliográfica, de forma que não se comete nenhum equívoco, quando se afirma que ele é um dos maiores historiadores da Paraíba. E, que a história lhe faça um maior juízo.

Coriolano, o Maçom

Considerado uma das maiores expressões das letras paraibanas, além de jornalista de renomada escola e historiador de grande valor, João Rodrigues Coriolano de Medeiros era maçom. Pertenceu à ‘Loja Padre Azevedo’ e foi Grão mestre adjunto da ‘Grande Loja Maçônica da Paraíba’, ambas sediadas na capital paraibana.

Coriolano ingressou na Maçonaria na década de 1920, quando se fundou-se na atual cidade de João Pessoa, a 'Loja Maçônica Padre Azevedo', em 24 de julho de 1927. Posteriormente, com a separação do Grande Oriente do Brasil e a fundação da 'Grande Loja do Estado da Paraíba', passou a pertencer a essa última, após ter sido Venerável Mestre da 'Loja Padre Azevedo'.

De acordo com Zenaide (2000, p. 348):

O maçom João Rodrigues Coriolano de Medeiros foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, em 7 de setembro de 1905, e é, ainda hoje, sem dúvida, uma legenda de glória da Paraíba, como educador e como historiador. É um dos grandes Beneméritos da Maçonaria da Paraíba [...].

Por mais de meio século, Coriolano de Medeiros foi uma figura de grande destaque na cultura paraibana. Educador por excelência foi responsável pela educação de várias gerações, sendo, indiscutivelmente, uma das maiores expressões na história do ensino na Paraíba.

Informa Duarte (1934), que Coriolano foi Grão mestre adjunto da 'Grande Loja Maçônica da Paraíba' e membro da 'Loja Padre Azevedo'.

Pedreiro Livre, João Rodrigues Coriolano de Medeiros também deu grande e importante contribuição à Maçonaria na Paraíba. Digno de registro é um discurso por ele proferido no final da década de 1920 e transcrito no Livro de Atas da Loja Regeneração do Norte, que, sem dúvida, constitui uma das mais importantes peças da história da Maçonaria na Paraíba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Artista da palavra escrita, Coriolano de Medeiros deixou ainda valiosa contribuição literária, publicada em vários jornais e revistas - que ascende a mais de três centenas de artigos e estudos - lamentavelmente ainda não reunida em merecidos volumes.

Culto e simples, detentor da 'Medalha Deodoro da Fonseca', o mestre Coriolano possuía uma visão universalista e soube de forma grandiosa, transmitir às gerações futuras, magníficos tesouros de sua sabedoria. Amigo da mocidade, à semelhança de Sócrates, era um homem sensível às lágrimas e viveu uma vida longa e tranquila.

Paraibano dos mais ilustres, o maçom João Coriolano de Medeiros foi também o primeiro musicólogo, o primeiro folclorista, o primeiro ensaísta, o primeiro romancista e o primeiro (e o maior até então) historiador nascido na capital das Espinharas.

No campo da historiografia, ele deixou ensinamentos que o projetaram como 'mestre e autorizado intérprete' dos fatos da história paraibana. E, pela grandeza e dimensão cultural de sua obra, será sempre lembrado como um dos maiores expoentes das letras de seu Estado. Pois, seu legado fecundo, constitui uma obra imortal, tanto quanto ele.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico (org.). **Pequeno dicionário dos escritores/jornalistas da Paraíba do século XIX**: de Antonio da Fonseca a Assis Chateaubriand. João Pessoa, UFCG, 2009.

CABRAL, João da Veiga. Conversando com um mestre de várias gerações paraibanos. In: **O Correio da Paraíba**, João Pessoa-PB, edição de 1 de janeiro de 1957.

CALDAS, Analice. Manaira. In: **'A União'**, João Pessoa-PB, edição de 15 de agosto de 1937.

CRUZ, Maria Helena. **Memorial do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**. Edição comemorativa dos 90 anos de fundação do IHGP. João Pessoa: IHGP, 1995, pág. 35.

DUARTE, Samuel (diretor). **Anuário da Paraíba 1934**. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1934.

LEITÃO, Deusdedit de Vasconcelos. Visão de Coriolano de Medeiros. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**, v. 22, p. 22-24, 1979.

_____. **Coriolano de Medeiros**. Coleção Historiadores Paraibanos (II). João Pessoa: IHGP, 2001.

MARIZ, Celso. Figuras e fatos. 2 ed. João Pessoa: A União, 1976.

_____. **Memória da Assembleia Legislativa**. 2 ed. João Pessoa: A União, 1987.

MARTINS, Eduardo. **Coriolano de Medeiros**: Notícia bibliográfica. João Pessoa: A União, 1975.

NÓBREGA, Humberto. Coriolano Medeiros: Notas para sua biografia. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**, v. 22, p. 33-42, 1979.

SANTOS, José Ozildo dos Santos. Coriolano de Medeiros: O imortal. **A Voz do Povo**, Patos-PB, ano IX, nº 145, edição de agosto de 2004.

TARGINO, Itapuan Botto. O educador Coriolano de Medeiros. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**, v. 22, p. 27-27, 1979.

TAUNAY. Affonso de E. Prefácio. In: MEDEIROS, Coriolano de. **'Manaira'**. São Paulo: Cia Melhoramentos, 1936.